



Ὁ Μητροπολίτης Μπουένος Άϊρες Ἰωσήφ

PANEGÍRICO

por ocasião da festa da Dormição
da Theotokos



«Ouve, ó filha, vê e inclina teu ouvido: esquece o teu povo e a casa do teu pai, que o rei se apaixone por tua beleza: prostra-te à sua frente, pois ele é o teu senhor! A filha de Tiro alegrará teu rosto com seus presentes, e os povos mais ricos buscarão o teu favor».

(Sl 45, 10-12.)

Esta é uma das prefigurações do A.T. daquela que por Deus, «destinada» a um sublime destino, aceita – paradoxalmente **voluntariamente** – **entregar-se** por completo para cooperar com aquela missão **transcendental** e **cósmica** que é a redenção do gênero humano que só Deus pode realizar.

Toda a vida de Maria é ascese; é exercício espiritual, é o contínuo desprendimento da contingência material e criada para alcançar a libertação total que finalmente alcança através de sua transposição e ressurreição. *Não poderia ser de outra forma!* **A festa que nós, os cristãos ortodoxos, celebramos hoje, está longe de ser mitológica ou, nas antípodas, religiosa e menos folclórica.**

Em primeiro lugar, nós, cristãos, celebramos a disrupção absoluta e inabalável dos critérios existenciais adâmicos: se para nossos antepassados a morte - herança da negação primordial do gênero humano a Deus - foi a última e grande limitação existencial que o atormentava, perseguia e, finalmente, o destinava a desaparecer, agora para nós, cristãos, em virtude dessa redenção que falamos, torna-se um meio de libertação total **em Cristo** Jesus.

Redenção-regeneração-criação significa a perfeita e completa subversão ontológica da ordem antiga imposta pela «autonomia» forçada que o gênero humano quiz perpetrar contra o Sistema Divino Incrariado violando as leis naturais e sobrenaturais que correspondiam analogicamente àquela sacra relação.

O pecado do então gênero humano está consubstanciado naquela tão desejada «**emancipação**» – na realidade do cativo – que se traduz num **fracasso multidimensional** que (contra-)naturalmente há de decantar na cristalização e absolutização de toda aquela negatividade criada, chamada morte. Agora, o limite do homem já não é mais o Criador – como apresentado pela serpente – mas a consumação da vida entre o prazer e o medo e, de fato, sua evidente **dissolução**, naquela realidade *in-consubstancial* ao homem primigênio, que é a morte.

Dissolução-morte, prazer hedônico, medo fóbico e aquela então intrínseca e incurável disposição à abnegação são a atmosfera existencial onde se desenvolve – ou bem ao contrário -, o **homem caído**, partícipe daquela natureza enferma e ontologicamente deslocada, na medida em que se separa da relação natural com sua «**Contraparte**» Incrriada.

Naturalmente, a solução para essa **espiral auto catastrófica** que tem acontecido de geração em geração não se encontra no homem, que é a sua causa, mas na «**Contraparte**» Incrriada, já que não se trata de uma questão meramente ética ou moral, ou religiosa, ou filosófica. A relação é rompida, o gênero humano se auto reduz à sua mínima expressão, ao mesmo tempo em que se relaciona necessariamente nessa baixíssima frequência com a «**Fonte**» que, mesmo assim, lhe proporciona o ser e a vida e, em alguns raros casos **que** chegam a prefigurar o Logos e são vestígios do antigo Adão, sempre em função da regeneração - *gnose* e transcendência.

Entre esses raros casos, destaca-se uma donzela, uma menina, **Maria**, a quem o próprio Deus exorta: «Ouve, ó filha, vê e inclina teu ouvido: esquece o teu povo e a casa do teu pai» (Sl 45:10). Isso significa «**despojamento**» – *kenosis* – em sua máxima expressão. «Esqueça-te de ti mesma e da geração que vos precedeu» – diz o Oráculo do Senhor – porque o Rei foi cativado pela

beleza remanescente e oculta nesta criação destinada e considerada «**digna**» de ser a principal colaboradora de um **plano global** para a restauração e o aperfeiçoamento dos padrões ontológicos originais.

Entre o plano divino – sempre superador e criativo – e a degeneração humana – sempre corrupta, negativa e auto catastrófica só medeia a vontade desta menina. e me pergunto: como é possível que a *onipotência divina dependa do mais débil da natureza criada?* A resposta é clara: só o divino Eros – a indizível filantropia de Deus – pode voluntariamente deixar-se cativar pelo filamento mais frágil do indizivelmente amado. *Nesse contexto, amor é igual a conhecimento:* Deus se submete à vontade da jovem porque certamente sabe, «**crê**», porque certamente ama, que aquela, em sua debilidade, há de configurar-se com o plano e colaborar *voluntariamente* para que a realidade fracassada do homem seja subvertida e finalmente encontre uma saída.

E assim é que a menina com seu «**sim**» voluntário dá acesso a Deus através de sua natureza humana a toda a negatividade, o fracasso, o pecado e a morte que lhe são próprios, para que Ele mesmo possa assumi-los, **anulá-los** e **transformá-los** através do processo sobrenatural de sua humanização. E como a morte, o pecado e toda aquela negatividade acumulada desde então e, *antecipadamente, até o fim dos séculos*, não podem permanecer na Origem mesma da Vida, *então são* transfigurados e redimidos de uma vez para sempre na *en-hipóstasis* daquele que toma toda a nossa natureza caída e se faz homem para que possamos doravante ter acesso à sua natureza Incriada¹.

O mistério, portanto, da *Theotokos* e de sua Dormição, não se pode interpretar senão no contexto maior da redenção, da regeneração e da perfeição que Deus realizou através do Logos, do Arquétipo, através do Qual, pelo Qual e para o Qual toda a geração de homens foi criada e recriada.

¹ II Pd 1:3-4: «Pois que o seu divino poder nos deu todas as condições necessárias para a vida e para a piedade, mediante o conhecimento daquele que nos chamou pela sua própria glória e virtude. Por elas nos foram dadas as preciosas e grandíssimas promessas, a fim de que assim vos tornásseis participantes da natureza divina, depois de vos libertardes da corrupção que prevalece no mundo como resultado da concupiscência».

É por isso que hoje celebramos mais uma vez a vitória sobre a morte e o pecado: a Dormição de Maria, para nós cristãos ortodoxos, é a **confirmação empírica** da ressurreição de seu Filho; e inversamente: se Ele ressuscitou, também ela; **agora, a morte não é mais o limite ou o obstáculo, mas o meio da libertação**; *agora, toda a negatividade do homem se dissolve naquele processo que outrora significou o seu último desafio existencial.*

E por isso hoje celebramos não a morte, mas a **dormição-ressurreição**, e por isso nos enchemos de alegria por esta «**segunda Páscoa maternal**»: porque nos lembra novamente que o pecado, o medo, a negatividade e até a própria morte fazem parte do passado para aqueles que **firmemente cremos** que Cristo se fez homem, morreu e ressuscitou por nós; que, então, quando fazemos carne a nossa fé, não há mais limites; de que quando exercitamos a alma, como nos ensinaram os Profetas, os Apóstolos e os Padres, Deus se evidencia; de que quando nos esvaziamos de nosso mísero «eu», então naturalmente nos conformamos a um amor universal que abarca tudo e todos, e somos, tal como a *Theotokos*, **amplificadores naturais** do Bom Deus onde quer que estejamos e o que quer que façamos.

Porque Deus é tão grande e tanto, tanto nos ama que consente em desaparecer em *nossos amores*, para que em nós se realize seu plano universal e perfectivo possa ser realizado – agora e sempre, em todas as oportunidades – *até* que Ele finalmente venha. e reunir em Si mesmo todos os *cristos e theotokos* estrategicamente dispersos na terra. Amém.

† **Iosif de Buenos Aires**

Catedral Metropolitana 20 de Agosto de 2023

